

Marcos Steagall, Welby Ings\*

# Pesquisa de doutorado practice-led e a natureza dos métodos imersivos

\*

**Marcos Mortensen Steagall** é professor de fotografia e design na AUT. Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica. Em seus 18 anos de ensino superior, desenvolvimento de currículo de graduação e coordenação de curso, criou oito novos currículos, orientou 21 trabalhos de conclusão de curso e foi banca de outros 32. Atuou também como avaliador ad-hoc externo para o Ministério da Educação no Brasil. Marcos é fotógrafo e designer. Ele se mudou para a Nova Zelândia em 2015 para realizar sua investigação practice-led por meio de uma pesquisa de doutorado. Seu perfil de pesquisa e Currículo Lattes estão disponíveis em: <http://www.steagall.com.br> e <http://lattes.cnpq.br/0790905234462210>, respectivamente.

<marcos.mortensen.steagall@aut.ac.nz>

ORCID: 0000-0003-2108-4445

**Welby Ings** é Professor em Design na AUT University. Possui doutorado em narratologia aplicada e foi eleito Fellow da British Royal Society of Arts. Orientou mais de 50 dissertações de mestrado e teses de doutorado. É consultor internacional para diversas organizações internacionais para assuntos de criatividade e aprendizado. Welby é ainda um multipremiado designer, cineasta e autor. Em 2002 recebeu o the New Zealand Prime Minister's award for Tertiary Teaching Excellence e, em 2013, a medalha comemorativa da AUT University por sua trajetória de pesquisa e ensino..

<welby.ings@aut.ac.nz >

ORCID: 0000-0002-4684-3762

**Resumo** A pesquisa practice-led (conduzida pela prática) permite que os realizadores de arte e design descubram, apliquem e comuniquem conhecimentos originais que têm implicações diretas para a sua prática. Desde a década de 1980, internacionalmente, o surgimento da pesquisa de doutorado practice-led abriu as portas para que esses profissionais pudessem desenvolver abordagens metodológicas distintas à maneira como transitam a construção do conhecimento em ação.

Este artigo discute um desses projetos. Dentro dele, métodos imersivos e reflexivos foram desenvolvidos para aumentar a profundidade da comunicação entre um fotógrafo e a terra que ele registra. A tese, “O Processo de Fotografia Imersiva: Além do Cognitivo e do Físico”, considera as relações entre a terra como um sistema vivo e uma forma de incorporação (embodiment) do pesquisador. Esta concretização envolve um processo habitar que se baseia em formas físicas, cognitivas e espirituais de sentir e conhecer. As imersões do pesquisador são documentadas em um diário de campo que se movimenta entre registros de escrita poética, narrativa e analítica, em uma tentativa de explicar a complexidade do que encontra.

**Palavras-chave** Embodiment, Diário de campo, Fotografia imersiva, Registro poético, Practice-led e Investigação practice-based.

Marcos Steagall, Welby Ings\*

# Practice-led doctoral research and the nature of immersive methods



**Marcos Mortensen Steagall** is a lecturer in photography and design at AUT. He holds a Master and PhD qualifications in Communication and Semiotics. In his 18 years of tertiary teaching, undergraduate curriculum development and course coordination, he has developed eight new curriculum degrees, supervised 21 dissertations to completion and examined another 32. He has also been an ad-hoc external evaluator for the Ministry of Education in Brazil. Marcos is a photographer and designer. He moved to New Zealand in 2015 to investigate practice-led research through a doctoral thesis. His research profile and Lattes CV are available at: <http://www.steagall.com.br> and <http://lattes.cnpq.br/0790905234462210> respectively. <[marcos.mortensen.steagall@aut.ac.nz](mailto:marcos.mortensen.steagall@aut.ac.nz)>  
ORCID: 0000-0003-2108-4445

**Welby Ings** is a Professor in Design at AUT University. He holds a PhD in applied narratology and is an elected Fellow of the British Royal Society of Arts. To date he has supervised over 50 PhD and Master of Philosophy theses to completion. He has also been a consultant to many international organisations on issues of creativity and learning. Welby is also a multi award winning designer, filmmaker and author. In 2002 he received the New Zealand Prime Minister's award for Tertiary Teaching Excellence and in 2013, the inaugural AUT University medal for his research and teaching. <[welby.ings@aut.ac.nz](mailto:welby.ings@aut.ac.nz)>  
ORCID: 0000-0002-4684-3762

**Abstract** Practice-led research enables art and design practitioners approaches to discovering, applying and communicating original knowledge that have direct implications for their practice. Since the 1980s, internationally, the emergence of doctoral, practice-led research has opened the door for such practitioners to develop distinctive methodological approaches to the way they navigate knowing in action.

This article discusses one such project. Within it, immersive and reflective methods have been developed to increase the depth of communication between a photographer and the land he records. The thesis, “The Process of Immersive Photography: Beyond the Cognitive and the Physical”, considers relationships between land as a living system and a form of researcher embodiment. This embodiment engages a process of indwelling that draws on physical, cognitive and spiritual ways of sensing and knowing. The researcher’s immersions are documented in a field journal that moves between poetic, narrative and analytical writing registers in an attempt to account for the complexity of what he encounters.

**Keywords** Embodiment, Field journal, Immersive photography, Poetic register, Practice-led, Practice-based inquiry.

## Introdução

Há muita coisa escrita desde meados da década de 1990 sobre a pesquisa como prática, especialmente sobre seu impacto na arte, no design, na escrita criativa e na *performance*. Entretanto, é útil considerar o desenvolvimento de tais pesquisas dentro de uma trajetória mais ampla de estudo de doutorado. Noble (1994)<sup>1</sup> observa que, embora o doutorado tenha uma história de 800 anos, o primeiro Doutor (PhD) não foi reconhecido em uma universidade inglesa até 1920. Na Austrália, o primeiro doutorado foi reconhecido em 1948.<sup>2</sup>

Desde então, os diplomas de Doutor (PhD) têm existido em estado de negociação, conforme se ajustam à ampliação de disciplinas e mudanças na maneira pela qual o ensino superior acomodou novas concepções de conhecimento e modos pelos quais é constituído e comunicado. Parte desses ajustes envolveu chegar a um acordo com o conhecimento que pode ser avançado por meio da prática.

O interesse com a pesquisa orientada para a prática começa a surgir de forma mais significativa quando, nas décadas de 1970 e 1980, as disciplinas profissionais, como estudos de mídia, enfermagem, hospitalidade e design, começaram a povoar as universidades. No entanto, no Reino Unido, a ideia de que um doutorado pudesse conter um *corpus* prático surgiu em 1968, quando o British Council for National Academic Awards

## Introduction

There has been much written since the mid-1990s about research as practice especially as it impacts on art, design, creative writing and performance. However, it is useful to consider the development of such research inside a wider trajectory of doctoral study. Noble (1994)<sup>41</sup> notes that although the doctorate has an 800 year history, the first Doctor of Philosophy was not awarded in an English university until 1920. In Australia the first PhD was awarded in 1948.<sup>42</sup>

Since that time, Doctor of Philosophy degrees have existed in a state of negotiation as they have adjusted to broadening disciplines and shifts in the manner in which tertiary education accommodates new conceptions of knowledge and ways in which it is constituted and communicated. Part of this adjustment has involved coming to terms with knowledge that can be advanced by means of practice.

Concerns with practice-oriented research began to surface significantly when in the 1970s and 80s professional disciplines like media studies, nursing, hospitality and design, began to populate universities. However, in the UK the idea that a doctorate might contain a body of practice appeared in 1968 when

(CNAAC), Conselho Britânico para os Prêmios Nacionais Acadêmicos, desenvolveu regulamentos para graduações superiores em Politécnicos. Uma cláusula significativa em suas provisões incluía uma sentença declarando: “A tese escrita pode ser complementada por material em outra forma que não escrita.”<sup>43</sup> Esta declaração, sugere Candy, criou a possibilidade de um candidato incluir um artefato, ou o registro de artefatos, como parte integrante de uma apresentação de doutorado. Assim, quando Susan Tebby submeteu seu doutorado (PhD), “Patterns of Organisation in Constructed Art” (“Padrões de Organização na Arte Construtivista”), em 1983, a pesquisadora pôde incluir como parte integrante de sua tese um corpo de trabalho exposto e um registro de sua prática como um apêndice de slides de 35mm. Um ano depois, o primeiro programa de doutorado practice-led da Austrália foi introduzido quando a University of Wollongong and the University of Technology, Sydney (UTS) introduziram um Doutorado em Escrita Criativa. No entanto, o primeiro programa doutorado practice-led da Nova Zelândia (em design de curta-metragem) não foi concedido até 2005.<sup>44</sup> Embora o estudo de um doutorado practice-led seja comum no cenário internacional, sua distribuição permanece desigual. Enquanto o Reino Unido, a Escandinávia e a Australásia têm um número crescente destes doutorados, países como os Estados Unidos têm sido mais lentos para acomodar doutorados (PhD) artísticos ou baseados em design que contêm a prática como um componente

the British Council for National Academic Awards (CNAAC) developed regulations for higher degrees in Polytechnics. A significant clause in their provisions included a sentence stating, “The written thesis may be supplemented by material in other than written form.”<sup>43</sup> This statement, Candy suggests, created the facility for a candidate to include an artefact, or the record of artefacts, as an integral part of a PhD submission. So, when Susan Tebby submitted her PhD, “Patterns of Organisation in Constructed Art” in 1983, she was able to include as an integrated part of her thesis an exhibited body of work and a record of her practice as an appendix of 35mm slides. A year later Australia’s first practice-based doctorate was introduced when the University of Wollongong and the University of Technology, Sydney (UTS) introduced a Doctorate in Creative Writing. However, New Zealand’s first practice-led PhD (in short film design) was not awarded until 2005.<sup>44</sup> While practice-oriented doctoral study is now a familiar part of the international landscape, its distribution remains uneven. While the UK, Scandinavia and Australasia have increasing numbers of such doctorates, countries like the United States have been slower to accommodate artistic or design-based PhDs that contain practice as an integrated component of study. There, the Master of Fine Arts has been, until recently, considered the terminal degree in the discipline<sup>45</sup> and practice-oriented doctorates are still largely in a state of gestation.

integrado de estudo. Lá, o título de Mestre de Belas Artes tem sido, até recentemente, considerado o grau acadêmico máximo<sup>5</sup> e os doutorados practice-led ainda estão, em grande parte, em estado de gestação.

## Doutorados *practice-led* e *practice-based*

Dentro da pesquisa orientada para a prática há um considerável debate em torno dos termos investigações *practice-based* (“baseadas na prática”) ou *practice-led* (“orientados para a prática”). Candy define a pesquisa *practice-led* como um projeto que está “preocupado com a natureza da prática e leva a novos conhecimentos que têm significado operacional para essa prática”.<sup>6</sup> A autora argumenta que “o foco principal de tal pesquisa é avançar o conhecimento sobre a prática ou o avançar dentro da prática”.<sup>7</sup> Gray complementa que tal pesquisa é iniciada e “realizada através da prática”.<sup>8</sup> Esses autores argumentam que no estudo de doutorado, se a pesquisa é empreendida para avançar a prática, e a prática é usada como um veículo para reformar, criticar e avançar a questão da pesquisa, poderíamos definir tal empreendimento como uma investigação *practice-led*.

Por outro lado, a pesquisa *practice-led* normalmente descreve um estudo em que “um artefato criativo é a base da contribuição para o conhecimento”.<sup>9</sup> As reivindicações de originali-

## Practice-led and practice-based PhDs

Within practice-oriented research there is considerable debate surrounding the terms practice-led and practice-based inquiry. Candy defines practice-led research as a project that is “concerned with the nature of practice and leads to new knowledge that has operational significance for that practice.”<sup>46</sup> She reasons that “the main focus of such research is to advance knowledge about practice or to advance knowledge within practice.”<sup>47</sup> Gray supports this and suggests that such research is primarily initiated through practice and is “carried out through practice.”<sup>48</sup> These authors argue that in doctoral study, if research is undertaken to advance practice and practice is used as a vehicle for reforming, critiquing and advancing the research question, then we might define such an undertaking as a practice-led inquiry.

Conversely practice-based research normally describes a study where “a creative artefact is the basis of the contribution to knowledge.”<sup>49</sup> Claims of originality in practice-based doctoral research in such instances may be demonstrated through diverse media. The resulting artefacts or performances are normally accompanied by a contextualising written text (most commonly an exegesis).

dade na pesquisa de doutorado *practice-based* em tais instâncias podem ser demonstradas por meio de diversas mídias. Os artefatos ou performances resultantes são normalmente acompanhados por um texto escrito de contextualização (mais comumente uma exegese).

Na pesquisa em Arte e Design, permanece uma considerável confusão sobre os termos *practice-based* ou *practice-led*. Contrariando a afirmação de Candy, escritores como Smith e Dean<sup>10</sup> argumentam que quando o “trabalho criativo em si é uma forma de pesquisa e gera resultados de pesquisa detectáveis”, então a investigação deveria ser definida como pesquisa *practice-led*.

No entanto, no projeto de tese discutido neste artigo, a investigação é posicionada como *practice-led*. Isso porque a pesquisa coloca a prática da fotografia como objeto de estudo e enfatiza os métodos em vez do resultado como um objeto avulso. Em tal projeto, a direção da pesquisa “é um processo transparente em que passos conscientes são dados, nos quais o conhecimento é usado, procurado ou articulado”.<sup>11</sup>

## Situando a Tese

Na tese, “O Processo da Fotografia Imersiva: Além do Cognitivo e do Físico”, o pesquisador pergunta: “Quais são as questões que devem ser abordadas ao empreender um processo de fotografar a terra, para que se possa expressar um relaciona-

In Art and Design research there remains considerable confusion over the terms practice-led and practice-based research. In contradicting Candy’s assertion, writers like Smith and Dean,<sup>50</sup> argue that where the “creative work in itself is a form of research and generates detectable research outputs” then the inquiry should be defined as practice-led research.

However, in the thesis project discussed in this article the inquiry is positioned as practice-led. This is because the research places the practice of photography as the object of study, and the research emphasises the methods instead of the outcome as a detached object. In such a project the research direction “is a transparent process in which conscious steps are taken, in which knowledge is used, or knowledge is searched for and articulated.”<sup>51</sup>

## A Situated Thesis

In the thesis, *The Process of Immersive Photography: Beyond the Cognitive and the Physical*, the researcher asks “What are issues that must be addressed when undertaking a process for photographing land, such that one might express an immersive, embodied, spiritually-attuned relationship between the self and what is recorded?”

mento imersivo, incorporado (*embodied*) e sintonizado espiritualmente entre o *self* e o que é gravado?

Ao se envolver com essa questão, o pesquisador não está procurando produzir um corpo de trabalho como um artefato coletivo ou como uma expressão de uma ideia. Em vez disso, ele está explorando criticamente os potenciais de um método fotográfico. Assim, a investigação é conduzida por um fotógrafo que explora e experimenta as potencialidades de um processo de tal forma que a pesquisa “conduz essencialmente a novas compreensões sobre a prática”.<sup>12</sup>

Na tese, a prática é usada para conduzir uma questão através de ambientes físicos diversos e às vezes hostis nas ilhas de Aotearoa / Nova Zelândia (incluindo a pequena ilha de Te Puia o Whakaari). Durante um período de 32 meses, o pesquisador tentou entender e desenvolver uma abordagem relacional para fotografar a terra onde ele poderia se envolver e registrar uma comunicação entre a “essência de seu eu vivo” e a “essência da terra viva”. Para fazer isso, ele desenvolveu um processo de imersão que envolveu esperar por horas em um único lugar enquanto fotografava vários registros de uma paisagem dentro de um enquadramento idêntico, com a única variável sendo a passagem do tempo (Fig. 1).

O objetivo da pesquisa foi refinar a prática do pesquisador e contribuir para as discussões atuais sobre a maneira como os fotógrafos se envolvem com a terra. O estudo pressupôs e deu início a um processo de “fotografia imersiva” enquanto abordagem conceitual e metodológica.

When engaging with such a question the researcher is not seeking to produce a body of work as a collective artefact or as an expression of an idea. Instead, he is critically exploring the potentials of a photographic method. Thus, the inquiry is led by a photographer who explores and experiments with the potentials of a process such that the research “leads primarily to new understandings about practice.”<sup>52</sup>

In the thesis, practice is used to drive a question through diverse and sometimes hostile physical environments on the islands of Aotearoa/ New Zealand, (including the small offshore island of Te Puia o Whakaari). Over a period of 32 months, the researcher endeavoured to understand and develop a relational approach to photographing land where he could engage with and record a communication between the ‘essence of his living self’ and the ‘essence of the living earth’. To do this, he developed a process of immersion that involved waiting for hours in a single place while photographing multiple recordings of a landscape inside an identical framing, with the only variable being the passing of time (Fig. 1).

The aim of the research was to refine the researcher’s practice and contribute to current discussions surrounding the manner in which



**Fig 1. Himatangi, Nova Zelândia. (9 de Janeiro de 2016). © Marcos Steagall.**

Dados gravados em 14 exposições da mesma imagem, tiradas em sequência para registrar a luz de um pôr-do-sol. O tempo na imagem final não é uma representação física de um momento específico, mas um registro de 3,5 horas.



**Fig 1. Himatangi, New Zealand. (January 19, 2016). © Marcos Steagall.**

Data recorded across 14 exposures of the same image, taken in a sequence to register the light from a sunset to night. Time in the final image is not a physical representation of a specific moment but a record of 3.5 hours.



Dada a natureza da tese foi conduzida pela prática, é útil considerar a metodologia de pesquisa e dois métodos empregados em sua explicação: a imersão e o uso de um diário de campo reflexivo.

## Investigação heurística enquanto *framework* metodológico

Dada a natureza de sua orientação como uma pesquisa *practice-led*, o projeto adotou a investigação heurística<sup>13</sup> como uma metodologia que acomodaria a agência do conhecimento tácito enquanto proporcionava altos níveis de flexibilidade responsiva.

De acordo com Douglass e Moustakas, “heurística é um envolvimento pessoal apaixonado e perspicaz na solução de problemas, um esforço para conhecer a essência de algum aspecto da vida através dos caminhos internos do *self*”.<sup>14</sup> Dentro desta metodologia, a questão de pesquisa é entendida como “preliminar e pode mudar durante o processo de pesquisa. Também só é totalmente conhecida após ser explorada com sucesso”.<sup>15</sup>

A investigação heurística é, em essência, uma forma de autodescoberta por meio de um processo de tentativa e erro, em que o resultado de experimentos levanta novos problemas e altera o modo de compreensão. Essa forma de investigação posiciona o investigador no centro do estudo, e a questão inicial funciona apenas como uma diretriz, permitindo ao pesquisador navegar por uma investigação para a qual não existe nenhuma fórmula conhecida.<sup>16</sup>

Neste projeto, o pesquisador concebeu a terra que ele fotografou como física, espiritual e conceitual. Sua relação com a terra era muito íntima. Enquanto fotografava, desenvolveu um processo de imersão simultânea, em que seus limites físicos e os da terra se fundiram. Em seu estudo, a palavra “imersão” foi usada para descrever um estado de

photographers engage with land. The study posited and unpacked a process of ‘Immersive Photography’ as a conceptual and methodological approach.

Given the nature of the thesis as one that was led by practice, it is useful to consider the research methodology and two methods employed in its explanation. These are immersion and the use of a reflective field journal.

## Heuristic Inquiry as a Methodological Framework

Given the nature of its orientation as a practice-led inquiry, the project adopted heuristic inquiry<sup>53</sup> as a methodology that would accommodate the agency of tacit knowing while affording high levels of responsive flexibility.

According to Douglass and Moustakas, “heuristics is a passionate and discerning personal involvement in problem solving, an effort to know the essence of some aspect of life through the internal pathways of the *self*”.<sup>54</sup> Within this methodology the research question is understood as “preliminary and may change during the research process. It is also only fully known after being successfully explored.”<sup>55</sup>

Heuristic inquiry is in essence, a form of self-discovery through a trial and error process, where the result of experiments raises new problems and shifting understandings. This form of inquiry positions the inquirer at the center of the study, and the initial question functions only as a guideline, enabling the researcher to navigate an inquiry for which no known formula exists.<sup>56</sup>

In this project, the researcher conceived the land he photographed as physical, spiritual and conceptual. His relationship with it was very intimate. When he photographed, he developed a process of concurrent immersion where his physical boundaries and those of the land became fused. In his study the word ‘immersion’ was used to describe a state of being and thinking in the field, that involved a “process of turning inward to seek a deeper, more extended comprehension of the nature or meaning of a quality or theme.”<sup>57</sup>

ser e pensar no campo, que envolveu um “processo de voltar-se para dentro para buscar uma compreensão mais profunda da natureza ou significado de uma qualidade ou tema”.<sup>17</sup>

Moustakas descreve imersão como um processo que leva a pessoa a um estado consciente de investigação do *self* enquanto pesquisador. Aqui, o pesquisador opera no desconhecido e no intangível, mas através desse processo pode “em termos íntimos com a questão, vivê-la e crescer em conhecimento e compreensão dela”.<sup>18</sup> Assim, a imersão pode ser vista como um meio de entrar em uma investigação de maneira que a questão e o ambiente sejam internalizados. Nesse estado, Douglass e Moustakas observam que, “vagas e sem forma são características iniciais, mas um sentido crescente de significado e direção surge à medida que as percepções e compreensões do pesquisador crescem e os parâmetros do problema são reconhecidos”.<sup>19</sup> Sela-Smith sugere que “o pesquisador é capaz de se envolver intimamente na questão durante um processo de imersão; para viver a questão e crescer em conhecimento e compreensão”.<sup>20</sup>

Desta forma, neste estudo, a imersão do pesquisador na terra permitiu que ele explorasse questões de uma maneira que não estava bem definida; perguntas foram colocadas e intuições desenhadas utilizando conhecimento tácito. Esse processo permitiu que o pesquisador considerasse aspectos de sua experiência enquanto procurava pelo não explícito, seguindo pistas e identificando padrões, e permanecendo

Moustakas has described immersion as a process that brings one into a conscious state of investigation of the self-as-researcher. Here, the researcher operates in the unknown and intangible, but through this process he can become “on intimate terms with the question, to live it and grow in knowledge and understanding of it.”<sup>58</sup> Thus, immersion may be seen as a means of entering into an inquiry in a manner where the question and environment are internalised. In this state Douglass and Moustakas note that, “vague and formless wanderings are characteristic in the beginning, but a growing sense of meaning and direction emerges as the perceptions and understandings of the researcher grow and the parameters of the problem are recognized.”<sup>59</sup> Sela-Smith suggests that, “the researcher is able to become intimately involved in the question during an immersion process; to live the question and grow in knowledge and understanding”.<sup>60</sup>

Thus, in this study, the researcher’s immersion in land allowed him to explore questions in a manner that was not sharply defined; questions were posed and hunches drawn utilizing tacit knowing. This process allowed him to consider aspects of his experience as he searched for the non-explicit, following clues and identifying patterns, and dwelling inside a practice-led process that stretched possible associations and revealed new meanings.<sup>61</sup>

In his exegetical writing the researcher discussed this state in

dentro de um processo conduzido pela prática que se estendia por possíveis associações e revelava novos significados.<sup>21</sup>

Em sua escrita exegética (tese), o pesquisador discutiu esse estado em relação à ideia de capacidade negativa de Keats, “quando um homem é capaz de estar em incertezas, Mistérios, dúvidas, sem qualquer irritação após ter alcançado o fato ou a razão”.<sup>22</sup> Em tal estado, a natureza nebulosa da comunicação pode ser sentida, mas não totalmente compreendida ou articulada. Isso, sugeriu o pesquisador, pode ser relacionado à busca de Paul Klee por “tornar um conceito invisível e metafísico visível”.<sup>23</sup>

## Métodos

Dada a natureza imersiva de uma metodologia heurística, é útil considerar como dois métodos distintos foram empregados no progresso da pesquisa. Uma é a caminhada e o fluxo atentos, e a outra é o desenvolvimento de um diário de campo reflexivo. Destes métodos, o primeiro está associado à sintonização e o segundo à documentação e análise reflexivas.

## Caminhada e fluxo atentos

No projeto, a imersão do pesquisador em um local normalmente começa com um período de caminhada atenta. Com base na conexão de Ingold entre a travessia da terra e as formas de conhecer, o pesquisador usou a caminhada como um método capaz de despertar a curiosidade no corpo que estava em movimento, para que o campo pudesse ser considerado a partir de vários pontos de vista. Nesses casos, Ingold sugere que caminhar pode ser uma forma de “conhecimento circum-ambulante”.<sup>24</sup> Quando o pesquisador entrava nos mundos que fotografava, ele não estava buscando um destino, mas estava entrando em uma experiência incorporada (*embodied*) do movimento de pedestres que funcionou em oposição para a contemplação desvinculada e especulativa<sup>25</sup> (fig. 2).

relation to Keats' idea of negative capability, “when a man is capable of being in uncertainties, Mysteries, doubts, without any irritable reaching after fact or reason.”<sup>62</sup> In such a state the nebulous nature of communication can be felt, but not fully comprehended or articulated. This, the researcher suggested, may arguably be likened to Paul Klee's pursuit of “making an invisible, metaphysical concept visible.”<sup>63</sup>

## Methods

Given the immersive nature of a heuristic methodology, it is useful to consider how two distinct methods have been employed in progressing the inquiry. One is attentive walking and flow, and the other is the development of a reflective field journal. Of these methods, the first is associated with attunement and the second with reflective documentation and analysis.

## Attentive Walking and Flow

In the project, the researcher's immersion in a location normally began with a period of attentive walking. Building on Ingold's connection between the traversing of land and ways of knowing, he used walking as an inquisitive method where the body was in motion so the field could be considered from multiple vantage points. In such instances, Ingold suggests that walking can be a form of “circumambulatory knowing.”<sup>64</sup> When the researcher walked into the worlds that he photographed, he was not pursuing a destination but instead he was entering an embodied experience of pedestrian movement that functioned in opposition to detached and speculative contemplation<sup>65</sup> (Fig. 2).



Fig 2. isborne, Nova Zelândia. (31 de Agosto de 2016).

© Janete Rodrigues.

Neste projeto o pesquisador procurou locais com pouca ou nenhuma habitação humana. Normalmente, suas viagens eram feitas sozinho para que ele pudesse encontrar o mundo em quietude. Ele argumentou que andar na terra lhe permitia sentir e pensar na essência viva do local.

Fig 2. Gisborne, New Zealand. (August 31, 2016).

© Janete Rodrigues.

In this project the researcher sought out places with little or no human habitation. Normally his journeys were taken alone so he could encounter the world in stillness. He argued that walking on the land allowed him to feel and think into the living essence of the location.



Quando o pesquisador encontrava um local que sugeria um registro, montava a câmera e começava a fotografar. Dentro de um estado cada vez mais imersivo, ele afirmou que uma corrente ou ritmo ocorreu quando seu pensamento se tornou mais sintonizado com a paisagem, descrito como um modo de fluxo. Csikszentmihalyi afirma que esse processo é frequentemente marcado por um sentimento de saber exatamente o que fazer, e essa energia mantém o pesquisador explorando, sentindo, descobrindo e formulando, sem uma noção precisa de fisicalidade ou tempo. Csikszentmihalyi descreve a experiência de fluxo como:

Uma sensação de que as habilidades de uma pessoa são adequadas para lidar com os desafios em mãos ... A concentração é tão intensa ... A autoconsciência desaparece e o sentido do tempo torna-se distorcido. Uma atividade que produz tais experiências é tão gratificante que as pessoas estão dispostas a fazer isso por si mesmas, com pouca preocupação com o que elas obterão, mesmo quando for difícil, ou perigoso.<sup>26</sup>

Nesse fluxo imersivo, o pesquisador foi capaz de se conectar com as dimensões tácitas do conhecimento,<sup>27</sup> que incluíam percepções subliminares, arquetípicas e pré-conscientes.<sup>28</sup> Em tal estado, preocupações técnicas com equipamentos tornaram-se secundárias e o fotógrafo transcendeu um estado de exterioridade e “sentiu” seu caminho para dentro e através de uma condição de registro intuitiva. Sua bússola aqui era um senso de “acerto” orientado para a prática que Don Handelman chama de “sentimento de correção”, em que “a estética da prática nos integra àquilo que fazemos, de maneiras que se autoproduzem e se auto-organizam”.<sup>29</sup>

O seguinte registro no diário reflexivo do pesquisador, inédito, documenta essa experiência que ele encontrou em Te Henga, Nova Zelândia, em 25 de novembro de 2017 (Fig. 3).

When the researcher found a location that suggested a recording, he set up his camera and began to photograph. Inside an increasingly immersive state, he claimed that a current or rhythm occurred as his thinking became more attuned to the landscape. This he described as a mode of flow. Csikszentmihalyi suggests that this process is often marked by a feeling of knowing exactly what to do, and this energy keeps the researcher exploring, sensing, discovering and formulating, without a precise notion of physicality or time. Csikszentmihalyi describes a flow experience as:

A sense that one's skills are adequate to cope with the challenges at hand... Concentration is so intense ... Self-consciousness disappears, and the sense of time becomes distorted. An activity that produces such experiences is so gratifying that people are willing to do it for its own sake, with little concern for what they will get out of it, even when it is difficult, or dangerous.<sup>66</sup>

In this immersive flow, the researcher was able to connect to tacit dimensions of knowing,<sup>67</sup> that included subliminal, archetypal and preconscious perceptions.<sup>68</sup> In such a state, technical concerns with equipment became peripheral and the photographer transcended a state of exteriority and ‘felt’ his way into and through a condition of intuitive recording. His compass here was a sense of practice-oriented ‘rightness’ that Don Handelman calls a “feeling of rightness-in-doing,” wherein, “the aesthetics of practice integrate us with that which we do, in ways that self-produce and self-organize.”<sup>69</sup>

The following entry in the researcher’s unpublished, reflective journal documents such an experience that he encountered in Te Henga, New Zealand on December 30, 2017 (Fig. 3).



**Fig 3. Fotografia imersiva do encontro da água doce com o oceano em Te Henga, Nova Zelândia. (30 de Dezembro de 21017). © Marcos Steagall.**

Enquanto imerso nos 4 minutos necessários para gravar essa imagem composta, experimentei um fluxo entre as transições. Eu registrei em um mundo que não era nem dia nem noite, terra nem céu, terra nem água ... Eu posso descrevê-lo melhor como “fluindo através e para fora”, que era mais do que a água se movendo abaixo de mim enquanto entrava no oceano.

Senti minhas mãos deslizando com os controles da câmera em uma espécie de fluxo. Esse processo é quase como uma consciência alternativa que funciona em um nível operacional, e deixa meu eu interior se conectar com a essência da terra sem os processos cognitivos envolvidos na intrusão de tirar fotografias fisicamente. Neste estado de comunicação, entendi que a ideia de “erro” deve ser posta de lado; nada pode ser colocado em um eixo de errado e “correção”. O que é “natural” emerge através de um sentimento de que as coisas fazem sentido. Esse senso de “equidade” é baseado em uma relação com o processo de comunicação com a terra, não com o enquadramento e a construção de uma imagem (Fig. 3).



**Fig 3. Immersive photograph of a body of fresh water reaching the ocean at Te Henga, New Zealand. (December 30, 2017).**

© Marcos Steagall.

While immersed in the 4 minutes it took to record this composite image, I experienced a flow between transitions. I recorded material in a world that was neither day nor night, earth nor sky, land nor water ... I can best describe it as a ‘flowing through and outward’ that was more than the water moving beneath me as it pulled its way into the ocean.

I felt my hands sliding with the controls of the camera in a kind of flow. This process is almost like an alternative consciousness that functions on an operational level, and it leaves my inner self to connect with the essence of the land without the cognitive processes involved in physically taking photographs intruding. In this state of communication I have come to understand that the idea of ‘error’ has to be put aside; nothing can be placed on an axis of wrongness, and ‘rightness’. What is ‘natural’ emerges through a feeling of things making sense. This sense of ‘equitableness’ is based on a relationship with the process of communicating with the land, not with the framing and construction of an image (Fig 3).

## O Diário de Campo Reflexivo

Enquanto um estado imersivo foi usado para exercitar os potenciais do tácito e da sintonização, este pôde ser contrastado com uma ferramenta de pesquisa analítica que o pesquisador empregou, chamada de Diário de Campo Reflexivo - um diário cronológico que o acompanhava em suas incursões na terra. Como ferramenta de coleta e síntese de dados, por vezes empregada na investigação *practice-led*, o diário foi escrito como uma narrativa de experiência, e nele o pesquisador registrou locais de imersão, descobertas, reflexões e exemplos de trabalhos que, na época, eram formativos de seu pensamento. O diário fornecia um “diálogo de desenvolvimento em andamento”<sup>30</sup> cronológico que integrava elementos do ‘verdadeiro drama interior da pesquisa’, com sua base intuitiva, sua linha de tempo hesitante e sua extensa reciclagem de conceitos e perspectivas”.<sup>31</sup> Por causa disso, as ideias que surgiram nos registros iniciais do pesquisador foram, às vezes, desafiadas e suplantadas por pensamentos e questionamentos posteriores.

Newbury descreve esse documento como “uma crônica autorreflexiva e literária de mídia sobre o registro, o envolvimento e a saída do pesquisador em campo”.<sup>32</sup> Como a investigação do pesquisador foi vivenciada subjetivamente, muitas vezes ele escrevia usando diversos registros. Às vezes sua voz era sensorial-poética, às vezes narrativa e às vezes analítica. Empregando

## The Reflective Journal

While an immersive state was used to exercise the potentials of the tacit and attunement, it may be contrasted with an analytical research tool that the researcher employed called the Reflective Field Journal. This was an ongoing, chronological diary that accompanied him on his incursions into the land. As a data gathering and synthesis tool sometimes employed in practice-led inquiry, the journal was written as a narrative of experience, and in it the researcher recorded immersion locations, discoveries, reflections and examples of work that, at the time, were formative in his thinking. The journal provided for a chronological, “ongoing developmental dialogue”<sup>70</sup> that integrated elements of “the real ‘inner drama’ of research, with its intuitive base, its halting time-line, and its extensive recycling of concepts and perspectives.”<sup>71</sup>

Because of this, ideas that emerged in the researcher’s early entries were sometimes challenged and supplanted by later thinking and questioning.

Newbury describes such a document as “a self-reflexive and media literate chronicle of the researcher’s entry into, engagement with and departure from the field”.<sup>72</sup> Because the researcher’s inquiry was experienced subjectively, often he wrote using diverse registers. Sometimes his voice was sensory-poetic, sometimes narrational, and sometimes analytical. By

uma série de abordagens literárias, ele foi capaz de exercer uma “variação múltipla de perspectivas” em suas experiências, o que Kleining e Witt consideram essencial para a realização de descobertas profundas em investigações heurísticas.<sup>33</sup>

A natureza poético-sensorial de sua escrita pode ser ilustrada em um trecho de seu diário feito após uma imersão nos penhascos de Pukearuhe em 22 de dezembro de 2016 (Fig. 4).

Fiquei fascinado com a energia e a força capazes de criar esses padrões, e tomei consciência, por extensão, da frágil constituição do meu próprio corpo. Toquei o penhasco em alguns lugares e senti a aspereza sob o gelatinoso e polido. Eu coloquei meu corpo contra as rochas para poder sentir a profundidade da força e ressonância.

Eu senti:  
Intoxicação,  
Temor,  
Dominação  
Fluxo  
O puxar de respiração e emoção

employing a range of literary approaches, he was able to exercise a “multiple variation of perspectives” on his experiences that Kleining and Witt argue is integral to effecting deep discovery in heuristic inquiries.<sup>73</sup>

The sensory-poetic nature of his writing may be illustrated in an excerpt from his journal made after an immersion at the Pukearuhe cliffs on December 22, 2016 (Fig. 4).

I was fascinated with the energy and force capable of creating of such patterns, and I became aware by extension, of the fragile constitution of my own body. I touched the cliff in places and felt the roughness beneath its gelatinous, polish. I lay my body against the rocks so I could feel the depth of the strength and resonance.

I felt:  
Intoxication,  
Awe,  
Overwhelmed  
Flow  
The pulling of breath and emotion

Apesar de tudo isso, registrei apenas alguns exemplos da energia presente, túrgida e carregada de ansiedade, e como ela falava comigo. Eu acho que o perigo que posso enfrentar ao encontrar o fisicamente distinto (como cores dramáticas ou perfis de rochas) é que adoto com muita facilidade nas minhas práticas fotográficas profissionais mais antigas. Eu me dedico a documentar o físico ... o assombro do tangível em vez do espanto do invisível. É algo que eu preciso estar mais atento.

Outras vezes, os registros do diário do pesquisador assumem um tom mais documental. Eles contêm registros técnicos e narrativos que servem para reflexão crítica e compreensão em escritos exegeticos posteriores. Nesses casos, o pesquisador se enquadra como um ator sensibilizado, dialogando com a experiência, em vez de adotar a posição de um escritor objetivo. Trechos de uma entrada escrita em Te Araroa em 1 de setembro de 2016 servem como exemplo (Fig. 5).

Yet for all of this, I recorded only a few instances of the turgid and anxiety-laden energy present and how it spoke with me. I think the danger I can face when encountering the physically distinctive (like dramatic colours or rock profiles), is that I default too easily to my older, professional photographic practices. I flip into documenting the physical ... the astonishment of the tangible rather than the astonishment of the unseen. It is something to which I need to be more attentive.

The researcher's journal entries are at other times more documentary in tone. They contain both technical and narrative records that serve for critical reflection and understanding in later exegetical writing. In such instances he frames himself as a sensitised actor, dialoguing with experience rather than adopting the position of an objective writer. Excerpts from an entry written at Te Araroa on September 1 2016 serve as an example (Fig. 5).



Fig 4. Energia da maré na base dos penhascos brancos em Pukearuhe Tidal. (22 de Dezembro de 2016) © Marcos Steagall.

Fig 4. tidal energy at the base of the White Cliffs at Pukearuhe, New Zealand. (December 22, 2016). © Marcos Steagall.



A praia de areia / cascalho de Te Araroa está localizada entre Tokata e Awatere, na base de Whetumatarau, no extremo leste da Baía de Kawakawa (37 ° 37'49.6 "S 178 ° 22'41.8" E). A terra está sob o *kaitiakitanga* (tutela) do povo Ngāti Porou.

Minha primeira impressão foi de que era o tipo de lugar que aparece nas páginas do Facebook das pessoas; o cenário idílico com árvores rastejando sobre rochas e colinas pouco povoadas ao fundo. Já fotografei muitos desses lugares no passado, mas hoje eu estava muito inquieto. Eu não posso explicar isso facilmente, exceto para comparar o sentimento a uma sensação paradoxal de beleza e presentimento. Havia algo errado ... algo problemático. Passei a manhã inteira fotografando a passagem do tempo em locais específicos e tentando entender o que estava acontecendo. Houve uma sensação de "erro" aqui. Eu estava sendo absorvido e repellido ao mesmo tempo. As energias estavam profundamente perturbadas; a serenidade era paradoxal e silenciosamente dissonante ...

À noite, dirigi para o hotel a uma curta distância da praia, onde minha esposa e eu tínhamos reservado um quarto. Eu estava me sentindo decepcionado e frustrado com a minha falta de capacidade de entender o que eu tinha experimentado ... Então, no meio da noite, nós acordamos para um mundo que estava de repente no caos. A terra em que dormimos foi atingida por um terremoto de magnitude 7,1 que teve seu epicentro a apenas 125 km da costa. Pela primeira vez na minha vida experimentei terra em desordem física; levantando e rolando de seu núcleo. Na vigília desorientada, experimentamos uma mistura de terror e desconhecimento. Não tivemos nenhuma resposta aprendida para tais eventos e esperamos que, através do terremoto, nos sentíssemos vulneráveis dentro do que não pudemos ver.<sup>34</sup>

The sand/shingle beach of Te Araroa is located between Tokata and Awatere, at the base of Whetumatarau at the eastern end of Kawakawa Bay (37°37'49.6"S 178°22'41.8"E). The land is under the *kaitiakitanga* (guardianship) of the Ngāti Porou people.

My first impression was that it was the kind of place that appears on people's Facebook pages; the idyllic setting with trees crawling over rocks and sparsely populated hills in the background. I have photographed many such places in the past, yet today I was very unsettled. I can't explain this easily, except to liken the feeling to a paradoxical sense of beauty and foreboding. There was something wrong ... something troubled. I spent the whole morning photographing the passing of time in specific locations and trying to understand what was happening. There was a sense of 'wrongness' here. I was being both absorbed and repelled at the same time. The energies were deeply disturbed; the serenity was paradoxically silently discordant ...

In the evening I drove to the hotel a short distance from the beach, where my wife and I had booked a room. I was feeling disappointed and frustrated at my lack of capacity to understand what I had experienced ... Then in the middle of the night, we awoke to a world that was suddenly in chaos. The land on which we slept was hit by 7.1 magnitude earthquake that had its epicentre just 125 km away from the shoreline. For the first time in my life, I experienced land in physical disruption; heaving and rolling from its core. In disoriented wakefulness we experienced a mix of terror and unknowing. We had no learned response for such events and we waited through the quake feeling vulnerable inside what we couldn't see.<sup>74</sup>



Fig 5. Distorção de energias em Te Araroa antes do terremoto. (1º de Setembro de 2016). © Marcos Steagall.

A terceira voz distinta no diário de campo do pesquisador pode ser descrita como auto-analítica. Ela leva as observações e reflexões passadas e atuais para uma consideração crítica; e é a partir desse pensamento que surgem questões que são levadas para uma prática mais avançada. Usando um registro analítico, nesses registros, o pesquisador desafia suas presunções, abrindo suas leituras de uma situação e, até mesmo elaborando considerações alternativas. Um exemplo disso pode ser visto em trechos de uma anotação feita no Deserto de Rangipo durante a aproximação de um



Fig 5. Distortion of energies at Te Araroa, New Zealand, prior to the earthquake. (September 1, 2016). © Marcos Steagall.

The third distinctive voice in the researcher's field journal may be described as self-analytical. It draws past and current observations and reflections into critical consideration and it is from this thinking that questions arise that are taken into more advanced practice. Using an analytical register, in these entries the researcher challenges his presumptions by opening his readings of a situation up to alternative considerations. An example of this may be seen in excerpts from a journal



furacão de categoria 4 (Ciclone Gitta) (Fig. 6). Nesse registro, o pesquisador estava questionando até que ponto a interrupção física da terra que ele havia encontrado (como pedreiras, postes elétricos e estradas) poderia distorcer sua capacidade de reconhecer e registrar a essência espiritual subjacente da terra.

Fig 6. Movimento de energia no Deserto de Rangipo. (14 de Fevereiro de 2018). © Marcos Steagall.



Fig 6. Energy movement in the Rangipo Desert, New Zealand. (February 14, 2018). © Marcos Steagall.

entry made in the Rangipo Desert during the approach of a category 4 hurricane (Cyclone Gitta) (Fig. 6). In this entry the researcher was questioning the extent to which physical disruption to land (that he had encountered as quarries, electrical pylons and roads), might distort his ability to recognise and record the land's underlying, spiritual essence.

Novamente me perguntei se estava simplesmente projetando minha compreensão prejudicial da natureza a partir da perturbação do homem sobre a terra em sua vibração. Eu poderia estar permitindo que a perturbação física (que encontro visualmente) seja lida como perturbação da essência essencial da terra? Eu me perguntei:

- A força da essência da terra tem alguma relação com os danos causados à sua superfície?
- Se este for o caso, o que dizer de danos naturais, como terremotos ou erupções vulcânicas? Eles afetam a energia da terra?
- E se um desastre *humano* acontece na terra (por exemplo, uma epidemia de gripe ou um crime), mas o evento não tem impacto físico no local, isso pode afetar sua energia essencial?

Então... eu não tenho respostas absolutas para essas perguntas. No entanto, em relação à primeira questão, penso na minha experiência em fotografar o Rio Pinheiros em São Paulo. Aqui a essência parecia quase inerte, mas também problemática. De certa forma, o que eu experimentei aqui em Rangipo é semelhante porque havia uma diferença significativa na energia que eu poderia descrever como uma perda de “vitalidade”. Então, eu suspeito que, talvez em alguns casos, quando há danos físicos à terra, pode haver um enfraquecimento da energia.

(...) Minha resposta inicial à terceira pergunta é que a lesão humana provavelmente não afetaria a energia essencial da terra, porque a experiência humana é “outra”. No entanto, Salgado (2014) sugere que as duas possam estar conectadas. Ele disse adoecer depois de tirar fotografias na África, onde a exploração humana e o sofrimento em determinado local eram extremos. Embora seu médico não tenha encontrado nenhuma razão física para seu mal-estar, Salgado compreendeu que sua “alma” adoecera. A este respeito, lembro-me do conceito maori de *tapu*, que se refere a certas terras na Nova Zelândia e como se acredita que o resíduo da atrocidade humana pode ter efeitos persistentes em um local. Um exemplo disso em 2000 foi a proposta de uma área prisional de 30 hectares em Ngawha, 7 km a nordeste de Kaikohe, onde houve uma preocupação significativa dos maoris, que argumentaram que a terra poderia ser *tapu* porque sangue foi derramado durante as batalhas históricas. Argumentou-se que seria errado encarcerar prisioneiros Ngapuhi em terra onde o sangue de seus antepassados foi derramado porque o resíduo das atrocidades afetaria os prisioneiros e a saúde espiritual e mental do trabalhador de várias maneiras, resultando em desordens mentais ... e terríveis repercussões”.<sup>35</sup>

Again, I asked if I was simply projecting my understanding of the harmful nature of man's disturbance of the land onto its vibration? Could I be allowing physical disturbance (that I encounter visually) to be read as disturbance to the land's essential essence? I wondered:

- Does the strength of the land's essence bear some relationship to damage done to its surface?
- If this is the case, what about natural damage like earthquakes or volcanic eruptions? Do they effect land's energy?
- And what if a human disaster happens on land (e.g. an influenza epidemic or a crime) but the event has no physical impact on the place, can this effect its essential energy?

So ... I do not have absolute answers to these questions. However, in relation to the first question, I think back to my experience photographing the Pinheiros River in São Paulo. Here the essential essence seemed almost inert but also troubled. In a way what I experienced here in Rangipo is similar because there was a significant difference in the energy that I might describe as a loss of 'aliveness'. So, I suspect that perhaps in some instances when there is physical damage to land, there might be a weakening of energy.

... My initial response to the third question is that human injury would probably not impact the essential energy of land because human experience is 'other' than the land. However, Salgado (2014) suggests that the two may be connected. He discussed becoming ill after taking photographs in Africa where human exploitation and suffering on a particular site was extreme. Although his doctor could find no physical reason for his malaise, Salgado understood that his 'soul' had become ill. In this regard, I am reminded of the Maori concept of tapu as it relates to certain land in New Zealand and how it is believed that the residue of human atrocity can have lingering effects on a site. An example of this in 2000 was the proposed 30-hectare prison site at Ngawha, 7km north-east of Kaikohe, where there was significant concern raised by Maori who argued that the land could be tapu because blood was spilled on it during historical battles. It was argued that it would be wrong to incarcerate Ngapuhi prisoners on land where their ancestors' blood was spilled because the residue of the atrocities would affect prisoners and worker's "spiritual and mental health in various ways, with resulting mental disorders ... and terrible repercussions."<sup>75</sup>

## A Natureza da Voz

Em sua tese, tanto o diário de campo reflexivo quanto sua síntese de experiências em escrita exegética atravessaram os registros de uma maneira relativamente fluida. Este não é um fenômeno incomum na pesquisa *practice-led*. De fato, a análise de conteúdo de 2011 realizada por Jillian Hamilton e Luke Jaaniste de 59 dissertações de mestrado e teses de doutorado em investigações artísticas em *practice-led* identificou um modelo que chamaram de “exegese conectiva”. Esse modelo, observam, “assume uma orientação dupla, olhando para fora ... e para dentro”.<sup>36</sup> Os autores afirmam que cerca de 85% da amostragem continha uma combinação de abordagens orientadas de maneira diferente. Robert Nelson afirma que essa diversidade de “voz” é uma função natural do realizador artístico que “explora o escopo para o conteúdo emocional dentro do acadêmico”.<sup>37</sup>

## Crítica da Abordagem

Uma abordagem altamente sensorial de pesquisa artística que usa a prática para conduzir o pensamento através das dimensões físicas e sensoriais da terra é uma proposta desafiadora para os paradigmas positivistas de pesquisa. No entanto,

## The Nature of Voice

In his thesis, both the researcher’s reflective field journal and his synthesis of experiences into exegetical writing moved across registers in a relatively fluid manner. This is not an uncommon phenomenon in practice-led research. Indeed, Jillian Hamilton and Luke Jaaniste’s 2011 content analysis of 59 Masters and PhD exegeses in artistic practice-led inquiry identified a model they called the “connective exegesis”. This model they noted, “assumes a dual orientation, looking outwards ... and inwards.”<sup>76</sup> They observed that around 85% of the exegesis in their sample contained a combination of differently oriented approaches. Robert Nelson maintains that such diversity in ‘voice’ is a natural function of the artistic practitioner who “explores scope for emotional content within the academic.”<sup>77</sup>

## Critique of the Approach

A highly sensory approach to artistic research that uses practice to lead thinking through both physical and sensed dimensions of land, is a challenging proposition to positivist paradigms of research. However, in Aotearoa/New Zealand given the impact of indigenous Maori



em Aotearoa / Nova Zelândia, dado o impacto das epistemologias indígenas Maori no pensamento acadêmico, tal ideia não é desconhecida. Dito isto, o uso de abordagens heurísticas para a investigação *practice-led* pode apresentar tanto vantagens quanto desafios para o pesquisador.

A pesquisa heurística é extremamente eficaz para emergir o que não é conscientemente conhecido. É flexível e convida a envolvimento profundo, baseados na natureza subjetiva, mas criticamente reflexiva, do pesquisador. Através deste envolvimento, Moustakas sugere que tanto o pesquisador quanto a pesquisa são transformados de modo que uma “crescente autoconsciência e autoconhecimento ... incorpore(m) autoprocessos criativos e autodescoberta”.<sup>38</sup>

Todavia, abordagens heurísticas para o pensamento podem ser difíceis. Primeiro, devido à natureza altamente subjetiva da metodologia, que pode acarretar custos emocionais significativos. Por essa razão, é importante ter em mente que a pesquisa requer recursos cognitivos e emocionais, e qualquer crítica ao que o pesquisador cria deve ser conscientemente separada do senso de crítica do *self*. Nesta tese, o pesquisador disse que era capaz de administrar o investimento emocional necessário porque, em certa medida, se sentia resgatado pela vitalidade do pensamento e do trabalho que emana da investigação. Em outras palavras, a descoberta não foi simplesmente um resultado técnico da pesquisa; às vezes era perplexidade. A

epistemologies on scholarly thought, such an idea is not unfamiliar. This said, using heuristic approaches to practice-led inquiry can present both advantages and challenges to the researcher.

Heuristic inquiry is extremely effective in surfacing what is not consciously known. It is flexible and invites very deep engagements based on the subjective yet critically reflective nature of the researcher. Through this engagement, Moustakas suggests that both the researcher and research are transformed so that a “growing self-awareness and self-knowledge ... incorporate(s) creative self-processes and self-discovery.”<sup>78</sup>

However, heuristic approaches to thinking can be difficult. First, because of the methodology's highly subjective nature, it can carry significant emotional costs.<sup>79</sup> For this reason, it is important to bear in mind that the research requires both cognitive and emotional resources and any critique of what the researcher creates has to be consciously separated from a sense of critique of the self. In this thesis the researcher said that he was able to manage the emotional investment necessary because to a certain extent he felt resourced by the vitality of thinking and work emanating from the inquiry. In other words, discovery was not simply a technical outcome

“vivência” de seu envolvimento com a terra, afirma, de alguma forma equilibrava os altos níveis de comprometimento emocional, auto-exposição e crítica externa.

Em segundo lugar, a natureza metamórfica da investigação heurística significa que as mudanças de direção são muito comuns e isso pode tornar a abordagem instável. Consequentemente, o pesquisador deve permanecer aberto a interrupções, mas ao mesmo tempo ser capaz de identificar padrões e oportunidades quando surgirem. Esta foi uma questão significativa nesta tese, porque o pesquisador mudou sua prática de forma marcante na maneira como abordava a fotografia antes de empreender o estudo. O pesquisador afirma, de forma significativa:

Eu tive que mudar a maneira como eu entendo a terra e isso me descentalizou. Tornei-me cada vez menos um gravador heróico do físico, e, progressivamente, cada vez mais um fotógrafo que opera dentro dos fluxos de algo que pode não ser imediatamente entendido.<sup>39</sup>

of the research; it was sometimes a wonder. The ‘livingness’ of his engagement with the land he claimed, somehow balanced the high levels of emotional commitment, self-exposure and external critique.

Secondly, the protean nature of heuristic inquiry means that changes in direction are very common and this can make the approach feel unstable. Accordingly, the researcher must remain open to disruption but concurrently able to identify patterns and opportunities when they arise.<sup>80</sup> This was a significant issue in this thesis because the researcher changed his practice so markedly from the way he approached photography before undertaking the study. Significantly, he stated:

I have had to change how I understand land and this has decentralised me. I have increasingly become less of a heroic recorder of the physical, and incrementally more of a photographer who operates inside the flows of something that may not be immediately understood.<sup>81</sup>

## Concluindo ...

A trajetória do projeto exigia que o pesquisador mudasse de orientadores, aprendendo as nuances de duas novas linguagens, desafiando suas estruturas epistemológicas ocidentais e, eventualmente, reconcebendo a maneira como se via enquanto fotógrafo. Ao adotar uma investigação *practice-led*, optou por embarcar em uma jornada reflexiva e crítica. Nesse caso, surgiram dúvidas de que nunca havia se entretido em sua prática profissional. Ele perguntou: “Posso registrar o espírito da terra quando não vejo nada físico?” Isso o levou a cavernas subterrâneas sem luz e uma velocidade do obturador superior a três minutos de duração. A mesma abordagem foi testada em noites sob céus escuros em orlas remotas e fustigadas pelo vento. Ele também se perguntou: “Como é a essência viva da terra se ela está danificada ou morta?” Para entender isso, buscou o ritmo e a forma essencial da terra submergindo em rios, deitando-se no solo e se posicionando em ambientes tóxicos onde a acidez do ar queimava sua pele. Por meio de tais formas de engajamento, a prática tornou-se uma busca e a busca tornou-se a essência da descoberta.

A esse respeito, a investigação conduzida pelo pesquisador tocou a essência da observação de Heidegger de que o que é instigante ainda não foi pensado, e que o pensamento nos chama através do esboço de sua suspensão.<sup>40</sup>

Para um fotógrafo, tal reconhecimento pode levar a formas muito viscerais e gratificadamente instáveis de investigação *practice-led*.

## In Concluding ...

The project trajectory necessitated the researcher changing supervisors, learning the nuances of two new languages, challenging his western epistemological frameworks and eventually reconceiving the way he saw himself as a photographer. In adopting a practice-led inquiry he chose to embark on a reflective and critical journey. In this instance, questions arose that he had never entertained in his existing professional practice. He asked “Can I record the spirit of land when I can see nothing physical?” This led him into subterranean caves without light and a shutter speed exceeding three minutes in duration. The same approach was trialed on nights under blackened skies in the dunes of remote, windswept shorelines. He also asked himself, “What does the living essence of land look like if it is damaged or dead?”<sup>82</sup> To understand this he sought the rhythm and form of land’s essential essence by submerging himself in rivers, by lying on the soil and positioning himself in toxic environments where the acidity of the air burned his skin. Through such forms of engagement, practice became a pursuit and pursuit became the essence of discovery.

In this regard the researcher’s practice-led inquiry touched the essence of Heidegger’s observation that what is thought provoking has not yet been thought, and that thought calls us through the draft of its withdrawal.<sup>83</sup>

For a photographer, such a recognition can lead to very visceral and rewardingly unstable forms of practice-led inquiry.

1. Keith Allan Noble. *Changing Doctoral Degrees: An International Perspective* (ERIC - Education Resources Information Center, 1994).
2. Lesley Johnson, Alison Lee and Bill Green. "The Phd and the Autonomous Self: Gender, Rationality and Postgraduate Pedagogy," *Studies in Higher education* 25, no. 2 (2000): 135-47.
3. Linda Candy, "Practice Based Research: A Guide". (CCS Report 2006): 4. Accessed 24 May, 2018. <https://www.creativityandcognition.com/resources/PBR%20Guide-1.1-2006.pdf>
4. Welby Ings. "The Authored Voice: Emerging Approaches to Exegesis Design in Creative Practice PhDs," *Educational Philosophy and Theory*, 47, no. 12 (2015): 1279.
5. Timothy Emlyn Jones, "A Method of Search for Reality: Research and Research Degrees in Art and Design." 2006.
6. Ibid.
7. Carole Gray. "Inquiry Through Practice: Developing Appropriate Research Strategies: No guru, no method". (1996): 3. Accessed May 24, 2018, <http://carolegray.net/Papers%20PDFs/ngnm.pdf>
8. Ibid, 3.
9. Candy. *Practice Based Research: A Guide*, 1.
10. Hazel Smith and Roger Dean. "Practice-led Research, Research-led Practice in the Creative Arts" (Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 2009): 5.
11. Anke Coumans. "Practice-led Research in Higher Arts Education: On the Move: Sharing Experience on the Bologna Process in the Arts" (2003): 66. Accessed 24, May, 2018. [http://www.elia-artschools.org/user-](http://www.elia-artschools.org/user-files/Image/customimages/products/28/OntheMove_2003.pdf)
12. Candy. *Practice Based Research: A Guide*, 3.
13. A palavra heurística deriva da palavra grega heuriskein, que significa descobrir ou encontrar. Ela descreve um método de pesquisa no qual se buscam altos níveis de exploração e descoberta de padrões através do questionamento intuitivo de dados.
14. Bruce Douglass and Clark Moustakas. "Heuristic Inquiry the Internal Search to Know," *Journal of Humanistic Psychology* 25 (1985): 39.
15. Gerhard Kleining and Harald Witt. "The Qualitative Heuristic Approach: A Methodology for Discovery in Psychology and the Social Sciences. Rediscovering the Method of Introspection as an Example (2000): 9. Accessed May 24, 2018. <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/viewArticle/1123>.
16. Bruce Douglass and Clark Moustakas, "Heuristic Inquiry: the Internal Search to Know," 39-55.
17. Clark Moustakas. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications* (Newbury Park: Sage Publications, 1990): 24.
18. Ibid.
19. Bruce Douglass and Clark Moustakas. "Heuristic Inquiry: the Internal Search to Know", 47.
20. Sandy Sela-Smith. "Heuristic Research: A Review and Critique of Moustakas's Method." *Journal of Humanistic Psychology* 42, (2002): 65.
21. Clark Moustakas. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications*.
22. John Keats and Hyder Edward Rollins, *The Letters of John Keats, 1814-1821* (Harvard University Press, 1958): 193.
23. Herbert Edward Read. *Concise History of Modern Painting* (New York: Oxford University Press, 1974): 183.
24. Tim Ingold. "Culture on the Ground - the World Perceived through the Feet". *Journal of Material Culture* 9, no. 3 (2004): 331.
25. Michel de Certeau. *The Practice of Everyday Life*. Trans. Steven F Rendell (London: University of California Press, 1984):212.
26. Mihaly Csikszentmihalyi. *Flow: The Psychology of Optimal Experience* (New York: Harper Perennial Modern Classics, 2008): 71.
27. O termo conhecimento tácito foi cunhado pelo filósofo Michael Polanyi (1967). Em suma, o conhecimento explícito ou codificado é aquele que o conhecedor pode tornar explícito por meio da comunicação formal. O conhecimento tácito ou implícito descreve o conhecimento que é difícil transferir para outra pessoa por esses meios.
28. Bruce Douglass and Clark Moustakas. "Heuristic Inquiry: the Internal Search to Know", 49.
29. Don Handelman. *Ritual in Its Own Right: Exploring the Dynamics of Transformation* (New York: Berghahn Books, 2005): 19.
30. Leonard Schatzman and Anselm Leonard Strauss. "Field Research: Strategies for a Natural Sociology", (Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1973): 94.
31. Catherine Marshall and Gretchen Rossman. *Designing Qualitative Research* (Thousand Oaks, CA: Sage, 1995): 15.

32. Darren Newbury. "Diaries and Fieldnotes in the Research Process," *Research issues in art design and media* 1 (2001): 7.
33. Gerhard Kleining and Harald Witt. "Discovery as Basic Methodology of Qualitative and Quantitative Research," para.11.
34. Ibid. Excerpt from the researcher's reflective field journal (September 1, 2016).
35. Ibid. Excerpt from the researcher's reflective field journal (February 14, 2018).
36. Jillian Hamilton and Luke Jaaniste. "A Connective Model for the Practice-led Research Exegesis: An analysis of content and structure," *Journal of Writing in Creative Practice* 31, no. 4 (2010): para. 31.
37. Robert Nelson. "Doctoralness in the Balance: The agonies of scholarly writing in studio research degrees. In *Text: Illuminating the Exegesis*." Special Issue 3. (2004) para 22. Accessed 24 May, 2018. <http://www.textjournal.com.au/speciss/issue3/nelson.htm>
38. Clark Moustakas. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications*, 3.
39. Marcos Steagall, *Trecho de sua exegese (tese) em desenvolvimento*.
40. Martin Heidegger. *What is Called Thinking?* (New York: Harper and Row, 1968), 3-18.
41. Keith Allan Noble. *Changing Doctoral Degrees: An International Perspective* (ERIC - Education Resources Information Center, 1994).
42. Lesley Johnson, Alison Lee and Bill Green. "The Phd and the Autonomous Self: Gender, Rationality and Postgraduate Pedagogy," *Studies in Higher education* 25, no. 2 (2000): 135-47.
43. Linda Candy, "Practice Based Research: A Guide". (CCS Report 2006): 4. Accessed 24 May, 2018. <https://www.creativityandcognition.com/resources/PBR%20Guide-1.1-2006.pdf>
- 44 Welby Ings. "The Authored Voice: Emerging Approaches to Exegesis Design in Creative Practice PhDs," *Educational Philosophy and Theory*, 47, no. 12 (2015): 1279.
45. Timothy Emlyn Jones, "A Method of Search for Reality: Research and Research Degrees in Art and Design." 2006.
46. Ibid.
47. Carole Gray. "Inquiry Through Practice: Developing Appropriate Research Strategies: No guru, no method". (1996): 3. Accessed May 24, 2018, <http://carolegray.net/Papers%20PDFs/ngnm.pdf>
48. Ibid, 3.
49. Candy. *Practice Based Research: A Guide*, 1.
50. Hazel Smith and Roger Dean. "Practice-led Research, Research-led Practice in the Creative Arts" (Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 2009): 5.
51. Anke Coumans. "Practice-led Research in Higher Arts Education: On the Move: Sharing Experience on the Bologna Process in the Arts" (2003): 66. Accessed 24, May, 2018. [http://www.elia-artschools.org/userfiles/Image/customimages/products/28/OntheMove\\_2003.pdf](http://www.elia-artschools.org/userfiles/Image/customimages/products/28/OntheMove_2003.pdf)
52. Candy. *Practice Based Research: A Guide*, 3.
53. The word heuristics derives from the Greek word heuriskein meaning to discover or find. It describes a method of researching where one seeks high levels of discovery and pattern finding through the intuitive questioning of data.
54. Bruce Douglass and Clark Moustakas. "Heuristic Inquiry the Internal Search to Know," *Journal of Humanistic Psychology* 25 (1985): 39.
55. Gerhard Kleining and Harald Witt. "The Qualitative Heuristic Approach: A Methodology for Discovery in Psychology and the Social Sciences. *Rediscovering the Method of Introspection as an Example* (2000): 9. Accessed May 24, 2018. <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/viewArticle/1123>.
56. Bruce Douglass and Clark Moustakas, "Heuristic Inquiry: the Internal Search to Know," 39-55.
57. Clark Moustakas. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications* (Newbury Park: Sage Publications, 1990): 24.
58. Ibid.
59. Bruce Douglass and Clark Moustakas. "Heuristic Inquiry: the Internal Search to Know", 47.
60. Sandy Sela-Smith. "Heuristic Research: A Review and Critique of Moustakas's Method." *Journal of Humanistic Psychology* 42, (2002): 65.
61. Clark Moustakas. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications*.
62. John Keats and Hyder Edward Rollins, *The Letters of John Keats, 1814-1821* (Harvard University Press, 1958): 193.
63. Herbert Edward Read. *Concise History of Modern Painting* (New York: Oxford University Press, 1974): 183.
64. Tim Ingold. "Culture on the Ground - the World Perceived through the Feet". *Journal of Material Culture* 9, no. 3 (2004): 331.
65. Michel de Certeau. *The Practice of Everyday Life*. Trans. Steven F Rendell (London: University of California Press, 1984):212.
66. Mihaly Csikszentmihalyi. *Flow: The Psychology of Optimal Experience* (New York: Harper Perennial Modern Classics, 2008): 71.
67. The term tacit knowledge was coined by the philosopher Michael Polanyi (1967). In short, explicit or codified knowledge is that which the knower can make explicit through formal communication. Tacit or implicit knowledge describes knowledge that that is difficult to transfer to another person by such means.



68. Bruce Douglass and Clark Moustakas. "Heuristic Inquiry: the Internal Search to Know", 49.
69. Don Handelman. *Ritual in Its Own Right: Exploring the Dynamics of Transformation* (New York: Berghahn Books, 2005): 19.
70. Leonard Schatzman and Anselm Leonard Strauss. "Field Research: Strategies for a Natural Sociology", (Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1973): 94.
71. Catherine Marshall and Gretchen Rossman. *Designing Qualitative Research* (Thousand Oaks, CA: Sage, 1995): 15.
72. Darren Newbury. "Diaries and Fieldnotes in the Research Process," *Research issues in art design and media* 1 (2001): 7.
73. Gerhard Kleining and Harald Witt. "Discovery as Basic Methodology of Qualitative and Quantitative Research," para.11.
74. Ibid. Excerpt from the researcher's reflective field journal (September 1, 2016).
75. Ibid. Excerpt from the researcher's reflective field journal (February 14, 2018).
76. Jillian Hamilton and Luke Jaaniste. "A Connective Model for the Practice-led Research Exegesis: An analysis of content and structure," *Journal of Writing in Creative Practice* 31, no. 4 (2010): para. 31.
77. Robert Nelson. "Doctoralness in the Balance: The agonies of scholarly writing in studio research degrees. In *Text: Illuminating the Exegesis*." Special Issue 3. (2004) para 22. Accessed 24 May, 2018. <http://www.textjournal.com.au/speciss/issue3/nelson.htm>
78. Clark Moustakas. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications*, 3.
79. Welby Ings. "Managing Heuristics as a Method of Inquiry in Autobiographical Graphic Design Theses," *International Journal of Art & Design Education* 30, no. 2 (2011): 226-41.
80. Gerhard Kleining and Harald Witt. "Discovery as Basic Methodology of Qualitative and Quantitative Research."
81. Marcos Steagall, Excerpt from a current draft of his exegesis.
82. The Maori word for this is mauri mate. Mauri refers to a life force, vital essence, source of emotions or the essential quality and vitality of something. Mate means to be dead, unwell, defeated or diseased.
83. Martin Heidegger. *What is Called Thinking?* (New York: Harper and Row, 1968), 3-18.

## Referências bibliográficas

- Bennett, Jane. 2009. *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Durham: Duke University Press.
- Brabazon, Tara, and Zeynep Dagli. 2010. "Putting the Doctorate into Practice, and the Practice into Doctorates: Creating a New Space for Quality Scholarship Through Creativity." *Nebula* 7 (1-2):23-43.
- Brownhill, Richard J. "Michael Polanyi and the Problem of Personal Knowledge." *The Journal of Religion* 48, no. 2 (1968): 115-23. doi: <https://doi.org/10.1086/486119>
- Candy, Linda. 2006. *Practice Based Research: A Guide*. CCS Report 1:1-19.
- Clifford, James, and George E. Marcus. 1986. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Coumans, Anke. 2003. "Practice-led Research in High-

## References

- Bennett, Jane. 2009. *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Durham: Duke University Press.
- Brabazon, Tara, and Zeynep Dagli. 2010. "Putting the Doctorate into Practice, and the Practice into Doctorates: Creating a New Space for Quality Scholarship Through Creativity." *Nebula* 7 (1-2):23-43.
- Brownhill, Richard J. "Michael Polanyi and the Problem of Personal Knowledge." *The Journal of Religion* 48, no. 2 (1968): 115-23. doi: <https://doi.org/10.1086/486119>
- Candy, Linda. 2006. *Practice Based Research: A Guide*. CCS Report 1:1-19.
- Clifford, James, and George E. Marcus. 1986. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Coumans, Anke. 2003. "Practice-led Research in Hi-

- er Arts Education.” *On the Move: Sharing Experience on the Bologna Process in the Arts*: 62-67.
- Csikszentmihalyi, Mihaly. 2008. *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York, NY: Harper Perennial Modern Classics.
- Davies, Charlotte Adele. 2005. “Landscapes of Ephemeral Embrace: A Painter’s Exploration of Immersive Virtual Space as a Medium for Transforming Perception.” (Doctoral thesis, University of Plymouth, Plymouth, UK).
- de Certeau, Michel. 1984. *The Practice of Everyday Life*, trans. Steven F Rendell. Berkeley and London: University of California Press.
- Deleuze, Gilles, and Félix Guattari. 1988. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. London, UK: Bloomsbury Publishing.
- Denzin, Norman K., and Yvonna S. Lincoln. 2000. *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Douglass, Bruce G., and Clark Moustakas. “Heuristic Inquiry the Internal Search to Know.” *Journal of Humanistic Psychology* 25 n.3 (1985): 39-55
- Dummett, Michael. 2006. *Thought and Reality*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Gray, Carole. “Inquiry Through Practice: Developing Appropriate Research Strategies. No guru, no method” (1996): 1-28.
- Hamilton, Jillian, & Jaaniste, Luke. A Connective Model for the Practice-led Research Exegesis: An Analysis of Content and Structure. *Journal of Writing in Creative Practice* 3, n. 1 (2010): 31-44.
- Heidegger, Martin. 1968. *What is Called Thinking?* New York: Harper and Row.
- Handelman, Don, and Galina Lindquist, eds. 2005. *Ritual in Its Own Right: Exploring the Dynamics of Transformation*. New York, Oxford: Berghahn Books.
- Ingold, Tim. “The Temporality of the Landscape.” *World Archaeology* 25 n.2 (1993):152-174.
- Ingold, Tim. “Culture on the Ground - The World Perceived Through the Feet.” *Journal of Material Culture* 9 n. 3 (2004):315-340.
- Ings, Welby. “Managing Heuristics as a Method of Inquiry in Autobiographical Graphic Design Theses.” *International Journal of Art & Design Education* 30 n.2(2011):226-241.
- Ings, Welby. 2015. “The Authored Voice: Emerging approaches to exegesis design in creative Prac-
- gher Arts Education.” *On the Move: Sharing Experience on the Bologna Process in the Arts*: 62-67.
- Csikszentmihalyi, Mihaly. 2008. *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York, NY: Harper Perennial Modern Classics.
- Davies, Charlotte Adele. 2005. “Landscapes of Ephemeral Embrace: A Painter’s Exploration of Immersive Virtual Space as a Medium for Transforming Perception.” (Doctoral thesis, University of Plymouth, Plymouth, UK).
- de Certeau, Michel. 1984. *The Practice of Everyday Life*, trans. Steven F Rendell. Berkeley and London: University of California Press.
- Deleuze, Gilles, and Félix Guattari. 1988. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. London, UK: Bloomsbury Publishing.
- Denzin, Norman K., and Yvonna S. Lincoln. 2000. *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Douglass, Bruce G., and Clark Moustakas. “Heuristic Inquiry the Internal Search to Know.” *Journal of Humanistic Psychology* 25 n.3 (1985): 39-55
- Dummett, Michael. 2006. *Thought and Reality*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Gray, Carole. “Inquiry Through Practice: Developing Appropriate Research Strategies. No guru, no method” (1996): 1-28.
- Hamilton, Jillian, & Jaaniste, Luke. A Connective Model for the Practice-led Research Exegesis: An Analysis of Content and Structure. *Journal of Writing in Creative Practice* 3, n. 1 (2010): 31-44.
- Heidegger, Martin. 1968. *What is Called Thinking?* New York: Harper and Row.
- Handelman, Don, and Galina Lindquist, eds. 2005. *Ritual in Its Own Right: Exploring the Dynamics of Transformation*. New York, Oxford: Berghahn Books.
- Ingold, Tim. “The Temporality of the Landscape.” *World Archaeology* 25 n.2 (1993):152-174.
- Ingold, Tim. “Culture on the Ground - The World Perceived Through the Feet.” *Journal of Material Culture* 9 n. 3 (2004):315-340.
- Ings, Welby. “Managing Heuristics as a Method of Inquiry in Autobiographical Graphic Design Theses.” *International Journal of Art & Design Education* 30 n.2(2011):226-241.
- Ings, Welby. 2015. “The Authored Voice: Emerging approaches to exegesis design in creative Prac-

- tice PhDs," *Educational Philosophy & Theory* 47 n.12(2015): 1277-1290.
- Johnson, Lesley, Alison Lee, and Bill Green. "The PhD and the Autonomous Self: Gender, Rationality and Postgraduate Pedagogy." *Studies in Higher Education* 25 n.2 (2000):135-147.
- Jones, Timothy Emlyn. 2006. "A Method of Research for Reality: Research Degrees in Art and Design." In *Thinking Through Art: Reflections on Art as Research*, edited by Katy MacLeod, and Lin Holdridge, 226-240. London: Routledge.
- Keats, John, and Hyder Edward Rollins. 1958. *The Letters of John Keats, 1814-1821*. Vol. 2: Harvard University Press.
- Kenny, Gerard. "An Introduction to Moustakas's Heuristic Method." *Nurse Researcher* 19 n.3(2012):6-11.
- Kleining, Gerhard, and Harald Witt. 2000. "The Qualitative Heuristic Approach: A Methodology for Discovery in Psychology and the Social Sciences. Rediscovering the Method of Introspection as an Example." Accessed May 24, 2018. <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/viewArticle/1123>.
- Marshall, Catherine, and Gretchen B Rossman. 1995. *Designing Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Meduna, Veronika. 2017. "Bats. In *Te Ara - the Encyclopedia of New Zealand*". Accessed December 17, 2017. <http://www.TeAra.govt.nz/en/bats>.
- Moustakas, Clark E. 1990. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Nelson, Robert. 2004. "Doctoralness in the Balance: The Agonies of Scholarly Writing in Studio Research Degrees." *Text: Illuminating the Exegesis*. Special Issue 3. Accessed 24 May, 2018. <http://www.textjournal.com.au/speciss/issue3/nelson.htm>
- Newbury, Darren. "Diaries and Fieldnotes in the Research Process." *Research Issues in Art Design and Media* 1 (2001): 1-17.
- Nobel, Keith. 1994. *Changing Doctoral Degrees*. London: Open University Press.
- Polanyi, Michael. "Tacit Knowing: Its Bearing on Some Problems of Philosophy." *Reviews of Modern Physics* 34 n.4 (1962): 601.
- Polanyi, Michael. 1967. *The Tacit Dimension*. Garden City, NY: Anchor.
- tice PhDs," *Educational Philosophy & Theory* 47 n.12(2015): 1277-1290.
- Johnson, Lesley, Alison Lee, and Bill Green. "The PhD and the Autonomous Self: Gender, Rationality and Postgraduate Pedagogy." *Studies in Higher Education* 25 n.2 (2000):135-147.
- Jones, Timothy Emlyn. 2006. "A Method of Research for Reality: Research Degrees in Art and Design." In *Thinking Through Art: Reflections on Art as Research*, edited by Katy MacLeod, and Lin Holdridge, 226-240. London: Routledge.
- Keats, John, and Hyder Edward Rollins. 1958. *The Letters of John Keats, 1814-1821*. Vol. 2: Harvard University Press.
- Kenny, Gerard. "An Introduction to Moustakas's Heuristic Method." *Nurse Researcher* 19 n.3(2012):6-11.
- Kleining, Gerhard, and Harald Witt. 2000. "The Qualitative Heuristic Approach: A Methodology for Discovery in Psychology and the Social Sciences. Rediscovering the Method of Introspection as an Example." Accessed May 24, 2018. <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/viewArticle/1123>.
- Marshall, Catherine, and Gretchen B Rossman. 1995. *Designing Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Meduna, Veronika. 2017. "Bats. In *Te Ara - the Encyclopedia of New Zealand*". Accessed December 17, 2017. <http://www.TeAra.govt.nz/en/bats>.
- Moustakas, Clark E. 1990. *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Nelson, Robert. 2004. "Doctoralness in the Balance: The Agonies of Scholarly Writing in Studio Research Degrees." *Text: Illuminating the Exegesis*. Special Issue 3. Accessed 24 May, 2018. <http://www.textjournal.com.au/speciss/issue3/nelson.htm>
- Newbury, Darren. "Diaries and Fieldnotes in the Research Process." *Research Issues in Art Design and Media* 1 (2001): 1-17.
- Nobel, Keith. 1994. *Changing Doctoral Degrees*. London: Open University Press.
- Polanyi, Michael. "Tacit Knowing: Its Bearing on Some Problems of Philosophy." *Reviews of Modern Physics* 34 n.4 (1962): 601.
- Polanyi, Michael. 1967. *The Tacit Dimension*. Garden City, NY: Anchor.
- Read, Herbert. 1974. *A Concise History of Modern*

- Read, Herbert. 1974. *A Concise History of Modern Painting*. London: Thames and Hudson.
- Salgado, Sebastiao. 2014. *Genesis*. Sao Paulo, Brazil: Taschen.
- Schatzman, Leonard, and Anselm Strauss. "Field Research: Strategies for a Natural Sociology." *Social Forces* 53, no. 2 (1974): 342-43.
- Schön, Donald A. 1983. *The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action*. New York, NY: Basic Books.
- Sela-Smith, Sandy. "Heuristic Research: A Review and Critique of Moustakas's Method." *Journal of Humanistic Psychology* 42 n.3 (2002): 53-88. doi.org/10.1177/0022167802423004
- Smith, Hazel, and Roger Dean. 2009. *Practice-led Research, Research-led Practice in the Creative Arts*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press.
- Tebby, Susan. 1983. "Patterns of Organization in Constructed Art." (Doctoral thesis, University College, London, UK).
- Tilley, Christopher. 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments*. Oxford, UK: Berg.
- Painting. London: Thames and Hudson.
- Salgado, Sebastiao. 2014. *Genesis*. Sao Paulo, Brazil: Taschen.
- Schatzman, Leonard, and Anselm Strauss. "Field Research: Strategies for a Natural Sociology." *Social Forces* 53, no. 2 (1974): 342-43.
- Schön, Donald A. 1983. *The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action*. New York, NY: Basic Books.
- Sela-Smith, Sandy. "Heuristic Research: A Review and Critique of Moustakas's Method." *Journal of Humanistic Psychology* 42 n.3 (2002): 53-88. doi.org/10.1177/0022167802423004
- Smith, Hazel, and Roger Dean. 2009. *Practice-led Research, Research-led Practice in the Creative Arts*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press.
- Tebby, Susan. 1983. "Patterns of Organization in Constructed Art." (Doctoral thesis, University College, London, UK).
- Tilley, Christopher. 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments*. Oxford, UK: Berg.

**Received:** June 15, 2018

**Approved:** August 13, 2018

**Camera Ready:** August 27, 2018